

9.

Considerações finais

A descrição dos usos dos verbos “ser” e “estar” desenvolvida neste trabalho, tendo em vista o ensino de PL2E, norteou-se por dois princípios: o primeiro dos quais toma forma na asserção segundo a qual esses verbos não são destituídos de significado, caso em que nos distanciamos de uma longa tradição gramatical que os vê como verbos esvaziados semanticamente; o segundo princípio se expressa na ideia de que o significado da oração é construído na relação desses verbos com o predicador que se lhes pospõe.

Assim formalizados, esses dois princípios nos permitiram pensar o significado para além do domínio do item lexical. Por um lado, endossamos a visão tradicional segundo a qual aqueles verbos não compreendem um significado que permite, por si mesmo, descrever estado-de-coisas, tal como sucede com os chamados *verbos plenos*, os quais, por isso, são considerados verbos predicadores. Por outro lado, a ausência dessa propriedade predicativa, ou seja, o fato mesmo de os verbos “ser” e “estar” não comportarem um significado que prevê uma estrutura relacional (de predicação) torna-os muito mais suscetíveis de tomar parte de estruturas semântico-relacionais variadas (esse caso é, particularmente, verdadeiro na combinação desses verbos com SP).

Atendo-nos ainda à natureza semântica desses verbos, foi notável o fato de seu uso implicar conteúdos pressupostos, ou ser compatível com tais conteúdos. O uso do verbo “estar” é ilustrativo dessa situação. Por vezes, quando combinado com adjetivos, esse verbo ou carrega tais conteúdos (‘estado passível de mudança’ ou ‘estado resultante de mudança’), ou é compatível com tais conteúdos, caso em que o conteúdo pressuposto se inscreve na própria natureza semântica do adjetivo (cf. Estamos *velhos/ novos*).

Como não são habilitados a estabelecer uma estrutura de predicação, os verbos “ser” e “estar” foram, neste estudo, considerados verbos *transpositores* – verbos, pois, responsáveis por transpor a função de predicação ao constituinte que se lhes segue imediatamente à direita. Esse constituinte, responsável pela predicação e denominado de *predicador*, pertence a três classes de sintagma: SN (sintagma nominal), SAdj. (sintagma adjetival) e SP (sintagma preposicional).

Cabe aqui sublinhar a diferença entre *verbos transpositores* e *verbos de ligação*. Ao considerarmos os verbos “ser” e “estar”, neste estudo, como verbos transpositores, pretendemos evitar o compromisso com certos pressupostos envolvidos na concepção deles como verbos de ligação. Como transpositores, os verbos “ser” e “estar” não são meros elementos que ligam um sujeito a um predicativo, e não são esvaziados semanticamente. Como transpositores, esses verbos preenchem uma função semântico-sintática, qual seja, transpõem a função de predicação ao constituinte que se lhes segue imediatamente à direita. Ademais, a noção de verbo de ligação é coerente com uma visão de sintaxe oracional à luz da qual o sujeito da oração se articula a um predicativo, que, no entanto, não faz senão trazer uma informação semântica ao sujeito. Nessa visão, não se explica a própria ocorrência do sujeito como argumento cujas propriedades morfosintáticas e semânticas deveriam ser explicadas tendo em conta uma concepção sistêmica de gramática. Ao chamarmos de *transpositores* os verbos “ser” e “estar” queremos, portanto, compreendê-los à luz de outro modelo teórico-metodológico que, embora reconheça serem esses verbos destituídos da função de predicação, não lhes nega valor funcional. Esse modelo teórico-metodológico assume que o predicador não só seleciona os referidos verbos, como também o sujeito, especificando suas propriedades semântico-sintáticas. Ademais, constrói, na articulação com esses verbos, o significado da oração.

Em nosso empreendimento analítico, postulamos que são os sintagmas nominal, adjetival e preposicional, na função de predicadores, que determinam a estrutura semântico-sintática da oração – determinação que envolve a seleção dos verbos “ser” e “estar”. Como este estudo alinha-se com a perspectiva funcionalista, impôs-se-nos descrever as ocorrências de “ser” e “estar” tendo em conta a medida de influência exercida pelo contexto, compreendido, neste estudo, como um constructo sociocognitivo, tanto na seleção desses verbos quanto na construção do significado da estrutura oracional da qual eles fazem parte. O *contexto sociocognitivo*, na medida em que constitui um repertório de crenças, conhecimentos, valores supostos como partilhados pelos interlocutores, ajudamos a compreender as razões por que um locutor optou por usar um dos verbos, por exemplo, num ambiente estrutural que autoriza a ocorrência de ambos os verbos. Ademais, a referência aos contextos sociocognitivos partilhados pelos

interlocutores em situação real de uso desses verbos esclarece-nos muitos efeitos de sentidos pretendidos.

Não menos importante, num estudo linguístico de orientação funcionalista, é a assunção do princípio de *multifuncionalidade* das expressões linguísticas. Destarte, os verbos “ser” e “estar” não cumprem apenas a função estritamente sintática de transposição; mas cumulam outras funções que devem ser vistas como funções que se atualizam no domínio discursivo. A fim de recordá-las aqui, assinalaremos os pontos conclusivos em cada um dos capítulos destinados à análise de nosso *corpus*.

No capítulo sexto, ocupamo-nos com o uso dos verbos “ser” e “estar” articulados a SN predicador. A hipótese que nos serviu de ponto de partida para o desenvolvimento da análise expressa-se na proposição de que, dada a ocorrência de dois SNs (um na função de sujeito (X₁) e outro na de predicador), o verbo preferencialmente selecionado por esse predicador SN é o verbo “ser”. Trata-se de uma generalização importante: primeiro porque nos permite captar um alto grau de previsibilidade da ocorrência de “ser”; segundo porque nos permite discriminar mais duas funções desempenhadas por esse verbo, quais sejam, a de *operador de identificação* e a de *operador de categorização*. Essa hipótese nos ilumina também o fato de o verbo “ser” constituir a forma verbal apropriada para introduzir predicados que encerram definições (cf. *A cabeça é a parte do corpo que contém o encéfalo, a boca e os principais órgãos dos sentidos*). Ela também nos permite compreender o que torna possível, no entanto, a ocorrência de “estar” – assumida como menos sistemática – em um ambiente SN_v SN. Os conteúdos pressupostos associados ao uso de “estar”, a que fizemos referência, têm, nesse caso, um papel fundamental. Assim, se, por um lado, num enunciado como “Pedro é um professor exemplar”, o verbo “ser”, operando uma função de categorização, serve à inserção de “Pedro” na classe de “professor”; em “Pedro está um rapaz muito bonito”, o uso de “estar” envolve a ideia de mudança em termos do desenvolvimento etário de um ser humano, de modo que “um rapaz” assinala um período da vida de um homem compreendido entre a adolescência e a maturidade. O verbo “estar” marca a circunstancialidade do estado. Chamou-nos a atenção, quando da análise de casos análogos a esse, o fato de o SN predicador assumir uma função atributiva, à semelhança de um adjetivo.

Na função de *operador de identificação*, o verbo “ser” se combina com um SN predicador encetado de um determinante referencial, como um artigo definido ou um demonstrativo. É o verbo “ser” que opera a identificação, ou seja, é ele o instrumento pelo qual o SN predicador identifica a entidade representada pelo SN sujeito (cf. Pedro é o meu melhor amigo).

No capítulo sétimo, em que tratamos das ocorrências de “ser” e “estar” com SAdjs., estabelecemos a distinção entre duas funções discursivas: uma desempenhada pelo verbo “ser”, já assinalada no uso desse verbo com SN predicador, qual seja, a de *operador de categorização*; outra desempenhada pelo verbo “estar”, que chamamos de *operador de circunstancialização*. Essa distinção, que constitui uma contribuição original deste trabalho, rompe com a visão tradicional simplista que procura explicar a seleção entre “ser” e “estar” quando articulados a adjetivos com base no par opositivo ‘qualidade inerente’ e ‘qualidade temporária’, que é pouco satisfatória para dar conta de adjetivos cuja qualidade designada não pode ser tomada como qualidade objetiva ou definidora com base na qual se supõe haver uma relação de inerência entre ela e o substantivo que preenche a posição de sujeito. O caso dos adjetivos valorativos patenteia que a qualidade designada e atribuída à entidade representada pelo substantivo resulta sempre de um julgamento feito pelo locutor; esses adjetivos não designam uma qualidade que é ela mesma uma propriedade intrínseca, objetiva do ser ou coisa designada pelo substantivo – uma qualidade que apenas constatamos nele. A distinção tradicional impede-nos de perceber a dinâmica da negociação dos significados, que é uma atividade fundamental do uso da língua. Ademais, ela falseia o modo como o mundo é representado ou reconstruído no uso da língua. Assim, quem diz “Pedro é lindo”, embora possa até acreditar que a qualidade designada por “lindo” seja intrínseca, seja uma propriedade constitutiva da natureza de Pedro, não evita que o que enuncia a respeito de Pedro possa ser contestado com um enunciado análogo “Pedro não é lindo”. Ora, tendo em conta o fato de que os padrões de beleza são culturalmente determinados e que há variações no julgamento estético que os indivíduos fazem de coisas ou pessoas, segue-se daí que o que está em jogo, quando consideramos as ocorrências de “ser” e “estar” com adjetivos valorativos, é o modo como os falantes representam, na linguagem, seus julgamentos estéticos. Assim, quem usa “ser” com o adjetivo “lindo”, por exemplo, insere, num de seus escaninhos sociocognitivos com base

nos quais suas experiências de mundo são organizadas – escaninho que pode ter um rótulo como PESSOAS LINDAS – o indivíduo “Pedro”. Outro interlocutor pode ter uma percepção estética completamente diferente, de modo que pode discordar do locutor na forma como ele classifica essa parcela de sua experiência de mundo. Importa-nos ver, numa análise de orientação funcionalista, como os interlocutores, baseando-se no seu maquinário sociocognitivo de classificação do mundo, negociam significados no momento em que, dada a possibilidade de usar um ou outro verbo, selecionam um deles em vez do outro.

Não negamos que a designação *operador de circunstancialização* conserve a noção de ‘temporário’, associada pela tradição ao uso de “estar” com adjetivo; todavia, o conceito de *circunstancialização* não deve recobrir a ideia de impermanência da qualidade ou atributo na relação com a coisa ou o ser designado – concepção autorizada pela forma ‘temporário’. Para nós, a *circunstancialização* remete-nos para a situação discursiva, domínio em que devemos considerar como se comportam linguisticamente os interlocutores. É no domínio discursivo que o conceito de *circunstancialização* deve ser entendido como uma forma de perspectivização feita pelo locutor da atribuição da qualidade ao sujeito. Nessa perspectivização, a atribuição é marcada como circunstancial por meio do uso de “estar”. Assim, se ao enunciado “Pedro é lindo” alguém oferecesse, à guisa de contestação, “Pedro está lindo”, essa pessoa estaria circunstancializando a própria atribuição do adjetivo ao substantivo, de modo a produzir um sentido diverso do pretendido pelo locutor que produziu “Pedro é lindo”. É forçoso ver que “Pedro está lindo” sugere que o falante: a) não aceita a inserção de Pedro na classe de pessoas consideradas “lindas”; b) e, principalmente, entende ser “lindo” uma qualidade circunstancial de Pedro, ou melhor, uma qualidade que se percebe circunstancialmente em Pedro. O falante que usa “estar” se compromete com pressupostos tais como ‘Pedro nem sempre foi lindo’ ou ‘Pedro pode perder sua beleza’.

Quando usados com SAdj., os verbos “ser” e “estar” mobilizam crenças, pressupostos e expectativas que são ativadas na situação discursiva e que contribuem para explicar a ocorrência de um dos verbos. Necessário é reconhecer que, com SAdj., podem acontecer duas situações: a) o adjetivo pode autorizar o uso de qualquer um dos verbos, caso em que a seleção entre um verbo e outro envolve crenças, valores, conhecimentos que compõem o contexto sociocognitivo

do locutor; b) o adjetivo, por sua natureza semântica, só admite um dos verbos. No primeiro caso, estão os adjetivos qualificadores, como os de valoração. No segundo caso, se acham os adjetivos classificadores. Estes adjetivos são compatíveis com o uso de “ser”; ou, para sermos categóricos, só admitem, salvo especialização contextual, “ser”. São subtipos de classificadores adjetivos que designam atributos ligados à identidade, tais como “honesto”, “sincero” e todo o conjunto de adjetivos que designam profissão ou nacionalidade/ naturalidade (cf. professor, médico, brasileiro, italiano, carioca, etc.).

Tendo em conta o exposto acima, necessário é ver que nossa proposta visa a recobrir a complexidade envolvida no uso dos verbos “ser” e “estar” com adjetivos – complexidade cujo domínio compreende as circunstâncias do discurso. Os termos *operador de categorização* e *operador de circunstancialização* pretendem afirmar o seguinte: a) os verbos “ser” e “estar” são recursos sintáticos por meio dos quais se realizam atividades sociodiscursivas, cuja interface é um modelo sociocognitivo de contexto; b) as atividades de categorização e circunstancialização são, portanto, atividades que se atualizam no discurso e em cuja base se acha um conjunto de pressupostos sociocognitivos (crenças, conhecimentos, valores, etc.); c) as funções de categorização e circunstancialização permitem explicar a seleção feita pelo falante entre um ou outro verbo.

No capítulo oitavo, em que nos debruçamos sobre os usos de “ser” e “estar” com SP, atentos à diversidade da formação do SP e postulando um significado-base para cada um SP, propomos uma tipologia de SPs, a fim de sistematizar os usos daqueles verbos. A descrição dos usos de “ser” e “estar” com SP recobre a postulação de um quadro de papéis semânticos, desempenhados pelo sujeito, seus traços restritivos e o significado-base associado ao predicador. O estabelecimento do papel semântico do sujeito, combinado com o reconhecimento do significado-base do predicador, permitiu-nos prever as lexicalizações possíveis no interior do SN encaixado no SP. É o predicador SP que não só determina a ocorrência dos verbos “ser” e “estar”, mas também fixa para o sujeito seu papel semântico e seus traços semânticos.

A hipótese que norteou a análise, nesse capítulo, é a de que o reconhecimento das razões para a seleção de “ser” e “estar” depende de que se descrevam as condições semântico-sintáticas estabelecidas pelo SP predicador. A

ocorrência de SP com os referidos verbos ilustra o princípio segundo o qual o significado da oração é concebido como produto de uma construção que resulta da combinação do predicador SP com o verbo selecionado. A importância da descrição das condições semântico-sintáticas não exclui, naturalmente, a referência, sempre que necessário for, a um *background* sociocognitivo.

Notamos que um comportamento sistemático do verbo “estar”, observado quando de nossa análise, e que poderia constituir, por si mesmo, um objeto de investigações futuras, foi sua ocorrência com SP que expressa posição no espaço. Sugerimos que essa sistematicidade se deve ao valor etimológico da forma *estare*, à qual se associava o significado, atualmente, depreendido de construções como “estar deitado”. É esse valor, às vezes, ‘estacionário’, ou ‘posicional’ associado a “estar” que parece explicar a frequência com que ele ocorre com SP que representa um domínio em que uma entidade é situada/posicionada, ou se acha no espaço, seja ele metaforizado ou não. Esse valor de “estar” é patente numa frase como “O gato está no sofá”. Nessa frase, o verbo “estar” indica que a entidade “gato” encontra-se (posiciona-se) num dado lugar; nesse caso, fica claro o valor posicional característico do verbo “estar”. Esse valor se realça, se comparamos seu uso com o do verbo “ser” num enunciado produzido numa situação em que, fazendo a arrumação da sala de casa, a patroa orientasse a empregada onde ela deve colocar os objetos na estante. Servindo para indicar a localização de objetos, o verbo “ser” pode figurar num enunciado como “Este porta-retratos é na prateleira de cima”.

A produção deste estudo foi motivada pela observação das dificuldades enfrentadas pelos aprendizes estrangeiros quando da seleção, para efeito de uso, entre os verbos “ser” e “estar” em orações em que figuram um sujeito ligado a uma das categorias sintagmáticas contempladas em nossa análise. As dificuldades puderam ser constatadas por nós mediante a aplicação de exercícios a estudantes estrangeiros, de nível 2, da PUC-Rio. Essa circunstância situa este trabalho na esteira de produções científicas comprometidas em contribuir para o desenvolvimento da prática de ensino de PL2E. Por conseguinte, faz-se mister assinalar de que modo a presente pesquisa lança luzes sobre o ensino dos usos dos verbos “ser” e “estar” em PL2E.

Uma vantagem deste estudo foi ter delimitado, com o devido cuidado, o escopo descritivo, a partir do qual a problemática envolvida pôde ser apresentada

e deslindada. Nesse sentido, preocupando-nos em discriminar os contextos sintáticos em que os verbos “ser” e “estar” estão envolvidos e pondo em relevo a dimensão semântica de seus usos, cremos ter elucidado os fatores que devem ser levados em conta pelo professor quando do ensino dos usos desses verbos. Destarte, tendo em conta o uso desses verbos com SN, o professor pode identificar, sem dificuldades, quais os fatores que devem ser considerados. Nesse tocante, a generalização apontada por nós poderá ser bastante profícua. Lembramos que, em orações formadas por dois SNs, o uso do verbo “ser” é sistemático. Ele pode operar uma relação de categorização ou identificação, segundo a forma assumida pelos SNs (particularmente, pelo SN predicador).

No tangente às ocorrências de “ser” e “estar” com SAdj., acreditamos que o ensino de PL2E (bem como o ensino de PLM¹⁴²) poderá beneficiar-se com uma descrição que não descurou de dar a conhecer a sistematicidade de usos. Ainda que não tenhamos proposto uma classificação semântica exaustiva dos adjetivos, fizemos ver que é pertinente considerar os adjetivos em duas grandes classes - a dos qualificadores e a dos classificadores, com vistas a dar conta da previsibilidade de ocorrência de um e outro verbo. Os adjetivos classificadores prevêm o uso de “ser”; os qualificadores autorizam tanto o uso de “ser” quanto o de “estar”.

Outra vantagem deste trabalho foi ter insistido na importância de não dispensar um tratamento dos usos de “ser” e “estar” que tenha em mira tão-só o âmbito estrito da sintaxe. Mesmo os aspectos semânticos não podem ser considerados apenas no domínio sintático. É no discurso que esses aspectos devem ser contemplados no ensino de PL2E; é no discurso que eles têm de ser apresentados aos aprendizes estrangeiros. Pedagogicamente, nosso trabalho pretende incentivar a promoção de aulas que estimulem reflexões sobre a linguagem que desbordem o domínio estrito da forma.

Esperamos também que este trabalho possa servir de base para a elaboração de materiais didáticos que primem pelo rigor e sistematicidade na exposição das lições sobre os usos de “ser” e “estar”. Assim, com base em nossa contribuição, em vez de apresentar listas de frases descontextualizadas que ilustram a ocorrência desses verbos com um SP determinado – casos comuns nos livros

¹⁴² Português Língua Materna.

didáticos disponíveis e por nós avaliados -, esses materiais poderão oferecer informações descritivas elucidativas, acompanhadas de exemplos de textos reais. Por exemplo, a estrutura ‘de__SN’, quando expressa o significado-base ‘vestir-se com’, exige, via de regra, “estar”, caso em que o sujeito é representado por um substantivo dotado do traço [animação]. Essa informação serve para descrever uma série de exemplos e deverá constar, não sem as devidas adaptações, de um livro didático que pretendesse fornecer um retrato descritivo-metodológico adequado. A criatividade didática, nesse tocante, pode ser uma boa aliada da exatidão descritiva, a fim de evitar formalizações indesejáveis. Assim, um enunciado descritivamente adequado poderia ensinar o seguinte: usa-se “estar” em orações em que há um sujeito que designa PESSOA e preposição “de” acompanhada de um substantivo que designa PEÇA DE VESTUÁRIO (cf. Ela está de saia/ Ele está de óculos).

Estamos cientes de que o recorte teórico-metodológico, sem o qual essa pesquisa não se poderia realizar, obrigou-nos a desconsiderar uma série de questões que cremos relevantes para pesquisas futuras. Uma dessas questões é a articulação dos verbos “ser” e “estar” com SAdv. (Sintagma adverbial) dêitico de tempo e lugar. (cf. O Carnaval está perto/ O Japão é longe/ A festa é hoje) e textual de tempo e lugar (cf. As gramáticas tradicionais não conseguem distinguir satisfatoriamente o substantivo do adjetivo; aí está o problema/ O Brasil está marcando mal a Argentina; a dificuldade é aí). Outra questão diz respeito ao uso de adverbiais aspectuais que parecem influenciar não só o valor semântico-discursivo dos verbos “ser” e “estar” quando articulados com SAdj, mas também a própria seleção de um ou outro verbo. Por exemplo, a ocorrência de “sempre” (um aspectual perfectivo¹⁴³), em “Minha namorada está sempre feliz”, carrega algum efeito de sentido. O advérbio “sempre” parece neutralizar a noção de circunstancialização contida em “estar”. Por força da presença de “sempre”, a atribuição da qualidade “feliz” não é tomada como circunstancial (episódica); a

¹⁴³ Para Costa (1997, p. 83), “sempre” não marca o imperfectivo, isto é, não sinaliza para a fragmentação da temporalidade interna do verbo. De fato, o uso de “sempre” não permite que se conceba as etapas de desenvolvimento dessa temporalidade, tampouco que se discrimine algum ponto de referência no interior desse desenvolvimento (ponto de partida ou limite). Não obstante a compreensão de Costa, não há razão para invalidar completamente uma visão que confira valor aspectual ao advérbio “sempre”. Na medida em que “sempre” marca a duração do processo verbal (v. Azeredo, 2002, p. 208), é razoável vê-lo como forma indicativa de aspecto.

presença desse advérbio confere habitualidade¹⁴⁴ ou constância ao estado em que se encontra “minha namorada” (“Minha namorada está sempre feliz” pode autorizar a interpretação “*todas as vezes* em que estou com ela, ela está feliz”). Esse mesmo advérbio pode ser usado com “ser” (cf. Minha namorada é sempre feliz). Com “ser”, o uso de “sempre” não só acarreta a ideia de que o estado de minha namorada dura no tempo, mas pode suscitar interpretações como “minha namorada se considera uma pessoa feliz”, ou “não há um dia em que minha namorada não se sinta feliz”, etc.

A ocorrência de “ser” e “estar” com SAdj. constitui um campo fértil de pesquisa. Um caso ilustrativo disso é a ocorrência de adjetivos terminados em “-ado”, formados a partir de bases verbais¹⁴⁵. Os adjetivos formados pelo acréscimo do sufixo “-ado” a partir de bases verbais entram a fazer parte de orações de voz passiva (cf. Ele está acorrentado/ foi acorrentado). A tradição ensina que, com o verbo “ser”, formam-se as orações passivas de ação; com “estar”, as passivas de estado. Em “Ele está acorrentado”, há uma construção passiva de estado; em “Ele foi acorrentado”, uma passiva de ação (nesse caso, é possível inferir o constituinte ‘por__SN’ de valor agentivo). No primeiro caso, “estar” marca o estado circunstancial em que se acha o sujeito, sem pressupor a ação de um agente causador; no segundo, “ser” marca o estado resultante (da ação de um agente causador pressuposto, embora pudesse ser marcado sintaticamente) em que se acha o sujeito. É importante ver que a noção de categorização associada ao uso do verbo “ser”, por nós apresentada e desenvolvida neste trabalho, não se aplica a todos os casos em que esse verbo se articula a adjetivos em “-ado”.

Há adjetivos em “-ado”¹⁴⁶ formados a partir de bases verbais que não descrevem ação. Nesse caso, não há voz passiva (embora haja a noção de

¹⁴⁴ Costa (ib.id.) não considera o conteúdo ‘habitualidade’ como indicativo de aspecto verbal; mas isso não traz qualquer prejuízo à interpretação que propomos a respeito da influência semântica do advérbio “sempre” no exemplo por nós citado.

¹⁴⁵ Na tradição gramatical, essas formas em “-ado”, que integram a voz passiva, são chamadas participios-adjetivos, porque, não obstante se formarem a partir de bases verbais, se flexionam em gênero e número. Os participios propriamente ditos formam os tempos compostos com “ter” e “haver”, e não se flexionam (cf. tenho cantado/ havia cantado). Para efeito de investigação das condições que tornam possível o uso de “ser” e “estar” com as formas em “-ado”, assumir que essas formas são adjetivos permite uma consideração de ordem geral e não restrita aos casos tipicamente abrigados pelo rótulo *voz passiva*. Assim, formações como *entusiasmado*, *ajoelhado*, *afastado*, etc., calcadas, respectivamente, sobre as bases verbais reflexivas *entusiasmarse*, *ajoelhar-se*, *afastar-se* podem também fazer parte do escopo do estudo.

¹⁴⁶ Como, a rigor, o sufixo é a sequência “-do”, as formas de 2ª e 3ª conjugações, que apresentam a forma “-ido”, também podem ser consideradas.

*passividade*¹⁴⁷). Nos pares “Pedro está apaixonado por Bianca” e “Pedro é apaixonado por Bianca”, o adjetivo “apaixonado”, não se formando a partir de uma base verbal que descreve ação, não entra a fazer parte de voz passiva. É interessante ver que o verbo “ser” pode ser entendido como um operador de categorização, já que podemos dizer que “Pedro”, em “Pedro é apaixonado por Bianca”, é classificado como alguém apaixonado. O uso de “estar” marca a circunstancialização do estado de “enamoramento” de Pedro.

Finalmente, outra questão que, não obstante ter sido contemplada neste estudo, não pôde ser aprofundada – sendo, portanto, relevante a investigações futuras -, toca à mudança de significado do adjetivo quando empregado com “ser” ou “estar”. Essa mudança de significado é, a rigor, extensiva à totalidade oracional e é sensível ao contexto. Lembremos, de passagem, o caso em que figura o adjetivo “doente” (cf. O menino está doente (= enfermidade física)/ o menino é doente (= enfermidade psíquica)). Acreditamos que o mapeamento de regularidade de usos, nesse domínio de estruturação sintática, pode revelar um quadro semântico senão complexo provavelmente interessante.

Outra questão atinente aos usos de “ser” e “estar” demanda uma investigação mais acurada, qual seja, a da polissemia. A polissemia parece evidente quando tais verbos se articulam a sintagmas preposicionais. Em construções como “estar de pé” e “estar com dor de dente”, o verbo “estar” assume significados diferentes por força do ambiente semântico-sintático em que ocorre. Em construções como “é com o seu pai” (cf. Esse problema é com o seu pai) e “a faca é na gaveta de cima”, o verbo “ser” assume significados distintos (no primeiro caso, significa ‘diz respeito a, é de responsabilidade de’; e , no segundo caso, indica onde deve ser localizado um objeto) também em virtude do ambiente semântico-sintático em que ocorre. Em consonância com a abordagem funcionalista, a polissemia, particularmente a de “ser” e “estar”, deve ser vista, portanto, não como um fenômeno estritamente referente ao domínio do léxico,

¹⁴⁷ Veja-se, a esse respeito, Bechara (2002, p. 222). A passividade pode ser um componente semântico de orações na voz ativa, como em “Os criminosos receberam o merecido castigo” (ib.id.). A passividade é um fenômeno de estruturação semântica, e não sintática. Assim, por exemplo, em “Pedro é apaixonado por Bianca”, não podemos dizer, a rigor, que há voz passiva, porque “por Bianca” não cumpre o papel semântico de agente, mas de alvo; tampouco “Pedro” é agente, mas um objeto afetado ou experienciador. O termo “Pedro” pode ser interpretado tanto como entidade afetada pela paixão quanto como entidade que a experiencia. A passividade, nesse caso, está prevista pelo item lexical “apaixonado” (formado a partir de “apaixonar-se”).

mas decorrente de certas condições semântico-estruturais que se atualizam no uso da língua.

Esperamos que as lacunas, inevitáveis, que este trabalho não pôde preencher possam ser vistas como caminhos, como percursos que se deixam mostrar-se para a fomentação de novas pesquisas que, somadas a esta, poderão construir um cenário ainda mais inteligível e claro dos usos dos verbos “ser” e “estar”.